

# ANTROPÓFAGOS DEVORADOS E SEUS DESENCONTROS: DA “FORMAÇÃO” À “INSERÇÃO” DA LITERATURA BRASILEIRA<sup>1</sup>

**ALFREDO CESAR BARBOSA DE MELO**  
Universidade Estadual de Campinas

## RESUMO:

O artigo se propõe a pensar a literatura brasileira a partir do paradigma comparativista da “inserção”. Para fixar suas características, faço contraponto ao paradigma hegemônico da formação. Argumento que os dois paradigmas partem de pressupostos muito diferentes no que se refere à presença da cultura brasileira no mundo. A ideia de formação presume uma relação derivativa diante da Europa, vista como modelo a ser emulado. Outra dinâmica de poder surge com a inserção da literatura brasileira em países africanos, produzindo representações dentre os letrados africanos que igualavam o Brasil ao país deles. O artigo procura tirar consequências das diferenças entre os dois paradigmas.

## ABSTRACT :

*The article intends to understand Brazilian literature within the comparative paradigm of “insertion”. In order to accomplish this task, I will counterpose “insertion” to the hegemonic paradigm of “formation”. I argue that those two paradigms are based on very different assumptions regarding the presence of Brazilian culture in the world. The idea of formation relies on an emulative relationship with Europe, seen as a model to be followed. Other power dynamics emerges with the insertion of Brazilian literature in African countries, as it engendered representations among the African intellectual that equated Brazil to their respective home countries. The article attempts to draw the consequences of the differences between the two paradigms.*

## Palavras-chave:

literatura comparada;  
literatura brasileira;  
literatura africana;  
literatura mundial;  
formação; inserção.

## Keywords:

*Comparative Literature;  
Brazilian Literature;  
African Literature;  
World Literature;  
Formation; Insertion.*

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Há uma cena nas literaturas africanas de língua portuguesa que se reitera algumas vezes e cujos desdobramentos teóricos, a meu ver, não receberam ainda a atenção devida por parte da história literária, dos estudos de literatura brasileira e da literatura comparada no Brasil. Trata-se da cena do encontro do escritor africano lusofalante com o livro brasileiro. Em seu ensaio *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*, o polígrafo caboverdiano Baltasar Lopes fala do regozijo que foi ler Manuel Bandeira, José Lins do Rêgo e Gilberto Freyre nos anos de 1930 em Cabo Verde<sup>2</sup>. Em entrevista a Michel Laban, o escritor angolano Luandino Vieira recorda como, durante a sua experiência no cárcere, chegou à sua mão o livro *Sagarana* de João Guimarães Rosa, e quão importante foi para ele aquela primeira leitura da contística roseana<sup>3</sup>. O romancista e antropólogo angolano Ruy Duarte de Carvalho também relata o primeiro contato com *Grande Sertão: Veredas* em termos muito positivos. Algo semelhante pode ser dito do contato dos moçambicanos Mía Couto e José Craveirinhas com a literatura brasileira. Todos esses encontros são retratados como verdadeiros pontos de inflexão na literatura desses escritores, como se o livro brasileiro oferecesse não apenas um modo de escrever ficção em contextos pós-coloniais, mas sobretudo descortinasse uma realidade vibrante e desafiadora, incrivelmente semelhante a dos letrados africanos.

Esse encontro já foi muito documentado e estudado pela crítica literária especializada nas letras africanas<sup>4</sup>. O contato do intelectual africano com o livro brasileiro, no entanto, impõe um desafio de ordem propriamente teórica para a área de literatura brasileira e literatura comparada, pois nos leva a pensar quais são consequências desse encontro (ou dessa alegada influência) para a avaliação que os brasileiros fazem de sua cultura e literatura e para a prática da literatura comparada entre nós. O que acontece com a cultura brasileira, cujos atores gostam de se imaginar como antropófagos devoradores de culturas alheias, quando ela é devorada e ressignificada por outros – que não são os outros de nossa preferência? Argumentarei que a leitura que africanos fazem da literatura brasileira deveria ocupar o centro do debate comparatista no Brasil, ao invés de constituir um objeto restrito apenas a uma área de estudo (as letras africanas). A hipótese de trabalho que defendo ao longo deste artigo é a de que os estudos de literatura comparada que focam na relação entre a literatura brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa podem fornecer subsídios importantes para revisar os pressupostos de nossa prática comparatista. Discutirei a seguir as diferenças entre os paradigmas da formação e da inserção. O clássico estudo de Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira*, servirá como um ponto de referência incontornável para realização de um contraste entre os dois paradigmas.

### **Entre formação e inserção**

Foi Silviano Santiago quem primeiramente usou os termos “formação” e “inserção” como contrapontos conceituais. Apesar de estar usando a formulação de Santiago, é importante deixar claro que não há aqui qualquer tentativa de aplicar teoria, pois a despeito de reconhecer o valor heurístico dos conceitos, estabeleço um certo distanciamento diante da moldura teórica de Santiago. Há na narrativa de Santiago um eixo historicista, como se a articulação entre os dois conceitos acontecessem em dois tempos: depois de automodelado (primeiro momento) o sujeito brasileiro estaria pronto para debutar no concerto das nações

<sup>2</sup> LOPES, Baltasar. *Caboverde visto por Gilberto Freyre*. Praia: Imprensa Oficial, 1956, p.9.

<sup>3</sup> LABAN, Michel et al. *Luandino: José Luandino Vieira e sua obra*. Lisboa: Edições 70, 1980.

<sup>4</sup> ARENAS, Fernando. *Lusophone Africa: Beyond Independence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011; CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005; HAMILTON, Russel. “A literatura brasileira e a idéia do Brasil na África lusófona nos tempos coloniais.” *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* 20.40(1994): 112-119; MACÊDO, Tania Celestino de. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa: *Via Atlântica* 12 (2008): 123-52; MORAES, Anita. “Rosa lido por africanos: impactos da ficção rosiana nas literaturas de Angola e Moçambique”. *Sertão Joao*. Ed. Telma Borges. Sao Paulo, Unimontes: Anneblume, FAPEMIG, 2012.

(a inserção seria o segundo passo desse movimento)<sup>5</sup>. Nem parto da premissa, também ela teleológica, de que devemos começar a utilizar a ideia de “inserção” porque o paradigma da “formação” simplesmente se exauriu. Há importantes análises da exaustão desse paradigma como as de Roberto Schwarz e de Marcos Nobre. Para Roberto Schwarz “a desintegração do projeto desenvolvimentista deixou por terra um conjunto impressionantes de ilusões”<sup>6</sup>. Tal esfacelamento do projeto de formação se dava por conta da “inviabilização global das industrializações retardatárias”<sup>7</sup>. Marcos Nobre, por sua vez, aponta para “mudanças estruturais do capitalismo que simplesmente inviabilizaram a continuidade de qualquer projeto de tipo nacional-desenvolvimentista”<sup>8</sup>. Tanto Schwarz como Nobre ressaltam a existência de limites estruturais para uma aspiração louvável (a formação do Brasil moderno), ainda que entremeada de ilusões.<sup>9</sup> Isso dito, é preciso ir além da demonstração da inviabilidade estrutural do paradigma da formação. A relação que tento estabelecer entre “formação” e “inserção” não está vincada numa disposição diacrônica que sugere a superação de um paradigma por outro. Antes disso, centro minha análise na mudança de pressupostos.

A ideia de *formação* pressupõe uma relação hierárquica e normativa, afinal, se estamos nos formando para sermos algo que ainda não somos, estamos num estágio anterior àquele que desejamos, ou deveríamos estar. E a percepção de que há um estágio de desenvolvimento social, econômico e cultural que deveríamos alcançar quando nos formarmos é derivada de uma imaginação política eurocêntrica, pois constituir-se enquanto *nação moderna* significa estar no mesmo nível das nações que hoje emulamos (europeus e norte-americanos). Não é por acaso que o vocabulário das agências internacionais para referir-se aos países periféricos transmite esse perene estado de transição que nunca se realiza completamente: o Brasil é um país *em desenvolvimento*, ou para usar um termo ainda mais atual, trata-se de um país *emergente*. O processo de formação/autonomização também presume a existência de um sujeito (cultura/nação/sociedade/economia/literatura) que toma as rédeas de seu destino, movimentando-se assim a partir de energia própria, agora sem nada a dever a seus pares de latitudes mais elevadas.

Já a noção de inserção tem um outro alcance. A inserção da literatura brasileira só pode ser pensada se levarmos em conta as contingências de seus deslocamentos, com ressignificações inusitadas e imprevisíveis. O motor da reflexão sobre o país não parte de dentro, como no caso do paradigma da formação, mas dos múltiplos lugares de fora. É importante reiterar que o olhar de fora que interessa não é aquele do europeu,

<sup>5</sup> “Tendo sido esclarecido (e não resolvido, obviamente) o modo como o sujeito brasileiro se automodelou como cidadão e acomodou nos trópicos a emancipação de uma sociedade jovem e moderna, delega-se hoje ao Estado nacional democrático papel e funções internacionais. *Cosmopolita, a nação está habilitada a tomar assento no plenário do planeta*” (SANTIAGO, Silvano. “A anatomia da formação”. *Folha de S. Paulo*. Caderno Ilustríssima, 7 set 2014, grifos meus)

<sup>6</sup> SCHWARZ, Roberto. “Fim de século”. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia de Letras, 1999, p. 150.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 160.

<sup>8</sup> NOBRE, Marcos. “Depois da ‘formação’”. *Piauí*, n. 74, nov 2012, p. 75.

<sup>9</sup> É importante ressaltar que Schwarz escreve sobre a ideologia da formação em 1994, auge da era neoliberal, e Nobre publica sua reflexão em 2012, ainda num período relativamente eufórico dos anos lulo-dilmistas. Por escreverem em momentos históricos muito díspares, os dois têm visões bem diferentes sobre o que representou o paradigma da formação, mas coincidem no diagnóstico de sua exaustão. Talvez o mais impiedoso diagnóstico da exaustão do paradigma da formação esteja no *O Mito do Desenvolvimento Econômico* de Celso Furtado, que aponta o limite ecológico para o crescimento econômico dos países subdesenvolvidos: “O estilo de vida criado pelo capitalismo industrial sempre será o privilégio de uma minoria. O custo, em termos de depredação do mundo físico, desse estilo de vida é de tal forma elevado que toda tentativa de generalizá-lo levaria inexoravelmente ao colapso de toda uma civilização, pondo em risco as possibilidades de sobrevivência da espécie humana. Temos assim a prova definitiva que o desenvolvimento econômico - a ideia de que povos pobres podem algum dia desfrutar das formas de vida dos atuais países ricos - é simplesmente irrealizável. Sabemos agora de maneira irrefutável que as economias de periferia nunca serão desenvolvidas, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista. Mas, como negar que essa ideia tem sido de grande utilidade para mobilizar os povos da periferia e levá-los a aceitar enormes sacrifícios, para legitimar a destruição de formas de cultura “arcaicas”, para “explicar” e fazer “compreender” a necessidade de destruir o meio físico, para justificar formas de dependência que reforçam o caráter predatório do sistema produtivo?” (FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Paz e terra: 1973, p. 17)

ou do primeiro mundo, pois esse olhar já é constitutivo do paradigma da formação. O olhar do centro é aquele que disciplina e constringe a periferia<sup>10</sup>. A mirada dos países periféricos apresenta uma outra dinâmica, que merece ser especificada e examinada com maior precisão. Talvez tenhamos alguma coisa a aprender acerca de nós mesmos a partir desses ângulos inusitados.

No plano da cultura e da literatura, o paradigma da formação tem uma vocação aparentemente cosmopolita. As melhores tentativas de entender a literatura brasileira, dentro desse paradigma, passam pelo mapeamento das letras nacionais numa moldura ocidental. Para aquele que é considerado o fundador da crítica literária moderna no Brasil, Silvio Romero, “*todo e qualquer problema histórico e literário há de ter no Brasil duas faces principais: uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento europeu e outra pelo meio nacional*”<sup>11</sup>. Antonio Candido atualiza essa formulação ao ensaiar uma possível “lei de evolução da nossa vida espiritual”, regida pela dialética entre o local e o universal, isto é, a “tensão do dado local ( que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia ( que se apresenta como forma de expressão)”<sup>12</sup>. Não deixa de ser irônico, no entanto, que uma tradição intelectual tão preocupada com o cosmopolitismo disponha de tão poucos estudos sobre a efetiva inserção internacional das obras brasileiras<sup>13</sup>. É ainda mais paradoxal observar que essa tradição intelectual brasileira, tão negligente em verificar empiricamente a circulação da literatura brasileira no mundo, apresente a universalidade como seu mais prezado valor para emitir juízos sobre a qualidade das obras literárias do Brasil. De acordo com essa escala de valores, tão melhor seria uma obra se ela ficasse à altura dos melhores padrões estéticos do cânone ocidental, em contraposição àquilo que era considerado de baixa qualidade, geralmente associado ao pitoresco, regional, provinciano e localista. Como nos mostramos pouco dispostos a testar a efetiva universalidade das obras brasileiras, já que teorizamos pouco sobre a inserção da nossa literatura no mundo, acabamos por criar involuntariamente uma categoria irônica, a obra universal para consumo doméstico e particular<sup>14</sup>.

Algo similar pode ser dito da retórica antropofágica, ainda vigente em boa parte da crítica cultural brasileira e tão enaltecida do jeito de escritores e artistas se apropriarem, deformarem ou subverterem modelos europeus<sup>15</sup>. O resultado prático desse discurso pode ser a melhora na autoestima nacional sem, no entanto, exercer qualquer efeito na real assimetria que existe entre as culturas periféricas e centrais. Afirmar que Machado de Assis se apropria criativamente de Shakespeare ou Pascal para produzir sua literatura certamente agrega valor para Machado dentro do campo literário brasileiro, mas dificilmente alteraria a divisão internacional de conhecimento, isto é, o achado crítico em nada modifica o modo como Shakespeare e Pascal são estudados nas universidades metropolitanas. Os cursos de literatura comparada das universidades estadunidenses e europeias não colocariam esses autores no mesmo patamar. O efeito catárquico que essas

<sup>10</sup> No seu clássico *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre analisa o efeito do olhar inglês sobre a sociabilidade brasileira: “Sob o olhar desse ente superior, o brasileiro do século XIX foi abandonando muitos dos seus hábitos tradicionais – como o de dançar dentro das igrejas no dia de São Gonçalo, por exemplo – para adotar as maneiras, os estilos e o trem de vida da nova camada de europeus que foram se estabelecendo nas nossas cidades. Desde as dentaduras postiças ao uso – até o contato maior com os ingleses quase insignificante – de pão e da cerveja. (FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16ª ed. São Paulo: Global Editora, , p. 429)

<sup>11</sup> ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Vol 1. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 21, grifos meus.

<sup>12</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 116.

<sup>13</sup> É sintomático que o melhor estudo sobre a recepção da literatura brasileira no exterior seja escrito por um norte-americano (ARMOSTRONG, Piers. *Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and Its International Reception*. Lewisburg: Bucknell University Press, 1999). Também é sintomático que Armstrong centre sua análise nos Estados Unidos e Europa apesar do livro reivindicar, no subtítulo, fazer um amplo estudo da recepção internacional da cultura brasileira.

<sup>14</sup> Em espírito de *boutade*, Graciliano Ramos desdenhava dos escritores brasileiros que “pretendiam tornar-se à pressa universais”, embora não houvesse sinal de que o “universo principi[asse] a interessar-se por nossas letras” (RAMOS, Graciliano. “O fator econômico no romance brasileiro”. *Graciliano Ramos*. GARBUGLIO, José Carlos et al. São Paulo: Ática, 1987, p. 127)

<sup>15</sup> É importante esclarecer que não estou sugerindo que tal interpretação de antropofagia possa ser extraída diretamente da obra de Oswald de Andrade. Refiro-me ao discurso antropofágico amplamente difundido no campo cultural brasileiro.

leituras produzem é meramente doméstico.

Fica claro que, dentro do paradigma da formação, o mundo aparece como um conjunto de influxos culturais que vêm dos centros prestigiosos e chegam ao Brasil, onde são devidamente digeridos, apropriados, retrabalhados para compor a alta cultura brasileira. Essa narrativa da aclimação e acolhimento criativo do legado cultural europeu dá ao letrado brasileiro uma sensação de participação no mundo contemporâneo e na tradição intelectual ocidental que nem sempre tem respaldo na realidade. O paradigma da inserção se interessa por uma outra dinâmica – centrífuga, ao invés de centrípeta: que é a de como a cultura brasileira se torna fluxo internacional, e quais seriam as implicações teóricas da presença da cultura e literatura brasileira no mundo.

### **Inserção da literatura brasileira na África.**

Não é de se estranhar, portanto, que a relação entre cultura brasileira e europeia esteja no centro do paradigma da formação que tanto impacto teve no comparativismo brasileiro. Pretendo mostrar a seguir como as relações entre literatura brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa são fundamentais para entendermos a inserção da literatura brasileira no mundo. Pretendo mostrar a seguir que a presença do livro brasileiro em terras africanas é qualitativamente distinta da circulação da literatura brasileira na Europa ou Estados Unidos.

O crítico estadunidense David Damrosch apresenta no seu *What is World Literature?* dois conceitos de literatura mundial: um de abrangência maior- e outro mais intensivo e restritivo. Segundo o conceito mais abrangente, literatura mundial seria constituída de todas obras literárias que circulam além de sua cultura de origem, seja em tradução, seja na sua língua original<sup>16</sup>. Já o conceito mais exigente de literatura mundial afirma que “uma obra só tem vida efetiva enquanto literatura mundial quando e onde for ativamente presente num sistema literário diferente daquele da sua cultura original”<sup>17</sup>. Se a obra de Machado de Assis poderia facilmente ser considerada exemplo de literatura mundial, de acordo com o primeiro conceito, dificilmente seria enquadrada no segundo conceito. Obras como as de Gilberto Freyre, Guimarães Rosa e Jorge Amado passam no teste dos dois critérios, já que ultrapassaram as fronteiras do Brasil e ajudaram a estruturar sistemas literários em países africanos de língua portuguesa. E é exatamente essa noção de literatura mundial que tem recebido menos atenção da crítica literária brasileira. Daí a necessidade de estabelecer um paradigma comparatista que enfoque as relações literárias e culturais entre países do Sul, e que as leve em consideração para a discussão sobre a cultura brasileira.

Junto com a constatação de que a literatura brasileira desempenhou um papel fundamental na estruturação das literaturas africanas de língua portuguesa, vem também o reconhecimento, por parte desses intelectuais africanos, de que o Brasil parecia ser uma parte da de seus países africanos (ou vice-versa), tamanha familiaridade os personagens e os cenários descritos nas narrativas brasileiras despertavam nos escritores africanos.

O escritor e antropólogo angolano Ruy Duarte de Carvalho, por exemplo, fala de como a leitura de *Grande sertão: veredas* o fez perceber que os tipos humanos e os cenários que conhecia em Angola estavam também figurados no romance de João Guimarães Rosa:

<sup>16</sup> No original: “all literary works that circulate beyond their culture of origin, either in translation or in their original language” (DAMROSCH, David. *What is World Literature?* Princeton: Princeton UP, 2003, p.4)

<sup>17</sup> No original: a work has effective life as world literature whenever, and wherever, it is actively present within a literary system beyond that of its original culture. (Idem, p. 4).

Mas para o que talvez possa interessar agora, eu estava a encontrar ali [em *Grande sertão: veredas*], finalmente, um tipo de escrita e de ficção adequadas à geografia e à substância humana que eu andava então, técnico da Junta do Café, a frequentar e a fazer-me delas por Angola afora. (...) E nas paisagens que Guimarães Rosa me descrevia, eu estava a reconhecer aquelas que tinha por familiares. Já porque de natureza a mesma que muitas paisagens de Angola – e em algumas das paisagens de Angola eu reconhecia aquelas, enquanto o lia – já porque a gente que ele tratava, gente de matos e de grotas, de roças e capinzais, era também em Angola aquela com quem durante muitos anos andei a lidar pela via do ofício de viver.<sup>18</sup>

Os angolanos Ruy Míngas e Mario Antonio compuseram uma canção chamada “Poema da farra” na qual dizia: “Quando li Jubiabá/ me acreditei Antonio Balduino/ Meu primo, que nunca o leu/Ficou Zeca Camarão”.<sup>19</sup> O mundo romanesco de Jorge Amado parecia perfeitamente plausível em Angola a ponto dos poetas angolanos se projetarem nos personagens de Amado.

O poeta moçambicano José Craveirinha se lembra da importância do futebol e da literatura brasileira para a sua socialização. Segundo seu relato, em algum momento, na escola, o poeta começou a se libertar da literatura portuguesa, enveredando-se na literatura brasileira. A ênfase recai sobre Jorge Amado. Segundo Craveirinha, “Amado nos marcou muito pois aquela maneira de expor as histórias fazia pensar em muitas situações que existiam aqui”<sup>20</sup>. Craveirinha lembra de encontrar-se com marinheiros brasileiros que se revelaram encantados com Moçambique. Os marinheiros disseram: “Nós saímos do barco e entramos no Brasil”. Craveirinha concorda afirmando que “aqui era uma réplica do Brasil, cantávamos canções do Brasil”<sup>21</sup>.

O proeminente escritor moçambicano Mia Couto também registrou sua percepção sobre a importância da literatura brasileira na literatura africana. Couto confessa que a primeira leitura da obra de Guimarães Rosa o fez lembrar-se das narrativas que escutava dos contadores de história em Moçambique quando era criança. Numa fala sobre Jorge Amado, Mia Couto confessa que a literatura de Jorge Amado permitiu que aqueles moçambicanos se sentissem brasileiros: “E foi isso que fez Amado ser nosso, africano, e nos fez, a nós, sermos brasileiros. Era um Brasil todo inteiro que regressava a África. Havia pois uma outra nação que era longínqua mas não nos era exterior”<sup>22</sup>. O Brasil seria uma nação que não era exterior a Moçambique. Reitera-se a contiguidade sócio-cultural entre o Brasil e um país africano de língua portuguesa.

Testemunho similar é o do escritor caboverdiano Baltasar Lopes para quem a literatura moderna do Brasil “revelava-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos e virtudes, atitudes perante a vida que se assemelhavam aos destas ilhas”<sup>23</sup>. O impacto que a cultura brasileira teve sobre o fundador do Grupo Claridade pode ser percebido na descrição pormenorizada que o próprio Lopes faz de sua leitura de “Evocação do Recife”, poema de Manuel Bandeira. Lopes lia o poema visualizando Cabo Verde. Vila da Ribeira Brava, sua cidade natal, seria o Recife da poesia; um velho conhecido seu, Nhô Pedro António, faria as vezes de Totônio Rodrigues com o *pince-nez*, e a moça tomando banho nua, observada com alubrimento por Bandeira na Caxangá, era imaginada nos tanques da Ribeira do João.

Baltasar Lopes vislumbrava as personagens e situações narrados pela literatura brasileira dentro de cenário cabo-verdiano, tal como um Tomás Antonio Gonzaga, poeta arcádico estudado por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, que colocava uma ninfa neoclássica nos ribeirões de Minas Gerais.

<sup>18</sup> CARVALHO, Ruy Duarte. *Desmedida*. Lisboa: Cotovia, 2006, p. 85-86.

<sup>19</sup> Apud. COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.64.

<sup>20</sup> THOMAZ, Omar; CHAVES, Rita. Entrevista com José Craveirinha. *Scripta*. Vol 6, n. 12, 2003, p. 415.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 416.

<sup>22</sup> COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 64.

<sup>23</sup> LOPES, Baltasar. *Caboverde visto por Gilberto Freyre*. Op. cit. p. 6.

Analisando de maneira mais rigorosa, logo se percebe que a comparação com os neoclássicos é enganosa.

De acordo com argumento formulado por Antonio Candido, a estratégia dos poetas neoclássicos era de integrar espiritualmente as paragens brasileiras à cultura ocidental: “o poeta olhava pela janela, via o monstruoso jequitibá, suspirava ante ‘a grosseria das gentes’ e punha resolutamente um freixo no poema”<sup>24</sup>. Desse modo, ainda de acordo com Candido, “os escritores asseguravam universalidade às manifestações intelectuais da Colônia, vazando-as na linguagem comum da cultura européia”<sup>25</sup>. As ninfas e os freixos funcionariam como metonímia da Europa clássica, civilizando os territórios bárbaros da colônia portuguesa. Afinal, não seria bárbaro tudo aquilo que está fora da civilização? As figuras neoclássicas ajudavam a dar dignidade civilizatória a uma terra selvagem e rústica. Seria o caso de questionar até que ponto superamos completamente o vezo de buscarmos respaldo civilizatório no contato com os produtos culturais europeus. Boa parte de nossa crítica literária ainda busca no chamado intertexto europeu um modo de tornar a literatura brasileira mais relevante. Tal prática pode ser mais bem compreendida à luz de duas elaborações teóricas, bastante interligadas entre si, encontradas na *Formação* de Antonio Candido: (1) a dependência que o intelectual brasileiro teria em relação a outras literaturas para “elaborar a visão das coisas” e experimentar “as mais altas emoções literárias”<sup>26</sup>, ao contrário do seus contrapartes inglês, italiano, espanhol, francês, que poderiam alcançar os cumes da experiência estética só conhecendo “autores da[s] sua[s] terra[s]”<sup>27</sup>; (2) o desejo, por parte do letrado brasileiro, de pertencimento e integração à civilização ocidental. A literatura seria um “excelente e proveitoso fator de integração cultural, estreitando com a cultura do Ocidente a nossa comunhão de coloniais mestiçados, atirados na aventura de plasmar no trópico uma sociedade em molde europeu”<sup>28</sup>. O nexo entre as duas teses é evidente: diante de uma literatura acanhada como a brasileira, seu significado maior só poderia ser apreendido no entroncamento com a tradição ocidental. É importante ressaltar o efeito dessa operação ideológica. Tal como o Kafka do *insight* borgeano que cria seus precursores, o intelectual brasileiro inventa sua genealogia, ou melhor, imagina pertencer-se a uma longa e prestigiosa tradição, a ocidental. Não entrarei aqui no debate essencialista – e, portanto, pouco produtivo – sobre a ocidentalidade do Brasil. Para os fins da discussão que pretendo estabelecer nesse artigo, interessa-me sobretudo pensar na tensão de um ator (o intelectual brasileiro) que se imagina pertencente a uma comunidade (a cultura ocidental), cujos principais atores (os sistemas intelectuais dos países centrais) o ignoram solenemente.

Por ora, deixemos anotados esse desencontro, para falar de outro: o da própria relação entre Brasil e África de língua portuguesa. Vimos acima o quanto a literatura e a cultura brasileiras são importantes para a imaginação de vários escritores africanos, o que também não impede de constatar a profunda indiferença que o campo literário brasileiro manifesta em relação aos assuntos da literatura africana.<sup>29</sup> Deparamo-nos então com dois sistemas de alienações mútuas: *somos ignorados por quem emulamos, e ignoramos aqueles que nos admiram e se imaginam coextensivos à sociedade brasileira*. O crítico Itamar Even-Zohar estudou tais assimetrias, afirmando que a literatura-fonte (dos países centrais, como os europeus

<sup>24</sup> Candido, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, vol. 1, p. 68.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 9.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.68.

<sup>29</sup> Segundo Fernando Arenas, “[t]oday the level of admiration and affection of Portuguese-speaking Africans toward Brazil is remarkable, though largely unrequited, by virtue of sheer ignorance on the part of many Brazilians regarding African matters, in spite of manifold historical, cultural and symbolic links between Brazil and the continent. Brazil, for its part, exerts a considerable amount of influence in the Lusophone African imaginary through media, popular culture and soccer (this is especially true in the case of Angola) (ARENAS, Fernando. *Lusophone Africa. Beyond Independence*. Minneapolis: U of Minnesota Press, 2011, p. 33)

e os EUA) geralmente ignora a literatura-alvo (das culturas periféricas)<sup>30</sup>. A literatura brasileira viveria numa condição híbrida, pois seria uma indispensável “fonte” para a africana e, desde seus primeiros momentos, “alvo” da literatura europeia. É necessário, no entanto, não criar falsas simetrias entre esses dois conjuntos de reais assimetrias (literatura brasileira X ocidental; literatura africana em língua portuguesa X literatura brasileira). A relação entre Brasil e Europa é qualitativamente diferente daquela estabelecida entre literatura africana de língua portuguesa e a brasileira.

Para demonstrar essa diferença, talvez valha a pena retomar um momento do prefácio de *Formação da literatura brasileira* no qual Antonio Candido, cotejando as diferenças entre Arcadismo e Romantismo, acaba por defender o Arcadismo da acusação, por parte dos românticos, de alienação cultural. Para Candido, eram os românticos que acabavam se alienando ao produzirem uma literatura em conformidade com as expectativas estrangeiras, já que

o que [os românticos] escreveram corresponde em boa parte ao que os estrangeiros esperam da literatura brasileira, isto é, um certo exotismo que refresca o ramerrão dos velhos temas. Os velhos temas, são os problemas fundamentais do homem, que eles preferem considerar privilégio das velhas literaturas. É como dizer que devemos exportar café, cacau ou borracha, deixando a indústria para quem a originou historicamente<sup>31</sup>.

É sintomático que Candido use o termo “estrangeiros” quando quer dizer “europeus”. Antonio Candido parece assim sugerir que toda a relação da cultura brasileira com o mundo é necessariamente uma relação do Brasil com a Europa (Ocidente). Pelo menos as relações do Brasil com o mundo que de fato importa. De acordo com a linha argumentativa acima, a literatura brasileira agrada o europeu porque oferece ao leitor ocidental um elemento exótico de diferença. A obra romântica feita no Brasil seria assim um refresco para o tédio europeu. Tal obra, no entanto, não teria densidade filosófica para lidar com os grandes temas da humanidade. A metáfora econômica utilizada para iluminar a relação cultural entre Brasil e Europa é bastante reveladora dos pressupostos ideológicos de *Formação*: para ser robusta a literatura brasileira não poderia cair nas facilidades estéticas do nativismo romântico, com suas exóticas cores locais, devendo antes enfrentar os grandes e velhos temas, “problemas fundamentais do homem”, sem admitir que tais temas se tornassem exclusividade das velhas literaturas, do mesmo modo como o moderno e progressista intelectual brasileiro não poderia aceitar que a indústria fosse um monopólio dos países desenvolvidos. A lógica da argumentação é emulativa. Para sermos mais relevantes, devemos ascender aos níveis literário e tecnológico dos países de primeiro mundo. Reiteramos os pressupostos do paradigma da formação. O que fica claro na tensão analisada por Candido é a diferença substantiva entre as duas literaturas. Os europeus buscam na literatura brasileira um traço narcotizante de exotismo para curar o tédio de hipercivilizado, enquanto o brasileiro procura na literatura europeia um modelo a ser emulado, uma referência civilizatória a ser seguida.

Vínculo bem distinto é o que marca a interação entre literaturas brasileira e africana de língua portuguesa. É importante ressaltar que a relação que os escritores estabelecem com o Brasil vai além da adoção de técnicas narrativas advindas da literatura brasileira. Como pudemos verificar acima nos variados testemunhos, há uma profunda identificação com a realidade brasileira, como se houvesse uma substancial contigüidade sócio-cultural entre o Brasil e as várias Áfricas.

Não podemos aqui minimizar a forte influência cultural que o Brasil exerceu sobre os países africanos. Já em 1944 – ou seja, muitos anos antes dos testemunhos analisados acima -, Gilberto Freyre falava da importância do Brasil nos países da “África portuguesa”:

<sup>30</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. “Laws of literary interference”. *Poetics Today* 11.1 (1990): 53-72.

<sup>31</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Op. cit., p. 17.



Não deixa de ser interessante notar a crescente tendência das novas gerações da África Portuguesa, das ilhas do Cabo Verde, e dos Açores, para seguir inspirações e sugestões procedentes do Brasil. A nova literatura e a nova arte brasileira, assim como os recentes progressos nos estudos sociais e científicos, feitos no Brasil, por cientistas e intelectuais brasileiros e conforme métodos mais ousados e modernos do que os conhecidos em Portugal, parecem estar afetando o tradicional sistema de inter-relações no mundo de fala portuguesa de modo a fazer do Brasil o seu centro intelectual, artístico e científico.<sup>32</sup>

O capital cultural do Brasil estava ligado à literatura e às ciências sociais nos anos de 1930 e de 1940. Na segunda metade do século 20 a música popular brasileira, as telenovelas, o futebol e o cinema ajudaram a aumentar e intensificar a esfera de influência cultural do Brasil na África de língua portuguesa. De acordo com Fernando Arenas, o capital cultural foi transformado num verdadeiro capital afetivo, tamanho o carinho os africanos nutriam pelos brasileiros e sua cultura. Seria enganoso, no entanto, tentar aproximar essa influência cultural àquela exercida pelos europeus e norte-americanos na América Latina ou África – a influência do colonizador ou do poder imperialista. Há uma profunda identificação dos africanos com o Brasil que não passa pelo desejo de ser aquilo que nunca se chegará a ser: o dominador. Não há, na relação que os africanos criam com o Brasil, o eterno devir que nunca se realiza - elemento primordial do paradigma da formação. Como pudemos ver nos testemunhos, não se pode dizer que os escritores africanos querem se tornar brasileiros em algum momento do futuro, pois eles já se vêem como pertencentes a uma realidade que é idêntica à brasileira, ou quase brasileira. Consideram que seus problemas, seus dramas humanos e suas potencialidades podem encontrar tanto no Brasil como na África um cenário possível.

No seu influente artigo “Signos tidos como milagres”, Homi Bhabha discorre sobre o encontro do indiano com o livro inglês na época do *Raj*. O livro inglês seria o emblema metonímico da autoridade do colonizador, e todo seu afã de moldar e disciplinar o colonizado. O que não impede, ainda segundo Bhabha, do livro inglês ser apropriado pelos indianos e ter sua força disciplinadora parcialmente anulada pela mirada do colonizado. Essa reversão empreendida pelo dominado se dava por uma operação constante de repetição e diferença. Se a reflexão sobre o livro inglês tem ocupado uma posição central nos estudos pós-coloniais anglófonos, muito ainda precisa ser dito e teorizado a respeito do livro brasileiro na África. Se o livro inglês representava, inicialmente, uma fonte de recalque; o livro brasileiro descortinava, por sua vez, possibilidades de desrecalque. Esse efeito de desrecalque produzido pelo livro brasileiro estava diretamente relacionado à validação de um modo de estar no mundo que os letrados africanos encontravam na literatura brasileira e que não passava por qualquer tipo de normatividade metropolitana (seja no seu formato colonial ou pós-colonial).

Se o paradigma da formação nos remete edipianamente à “comunidade ocidental”, da qual fazemos parte como variação; o estudo da inserção da literatura brasileira em culturas não-hegemônicas nos leva a pensar em outras possíveis comunidades imaginadas, resultado de outros sentimentos de pertença e de uma outra geopolítica da cultura brasileira. Pensemos numa “comunidade do Atlântico Sul” como contraponto à “comunidade ocidental”. Tais comunidades, não-excludentes, figurariam como modos de estar no mundo para os atores da cultura brasileira, baseado em diferentes pressupostos ideológicos e geopolíticos.

É de crucial importância fazer a distinção entre comunidade imaginada e sistema literário. Um sistema literário possui uma existência subjetiva e outra objetiva (o sistema, tal como o campo literário na definição de Pierre Bourdieu, existe na cabeça das pessoas e nas coisas). A existência subjetiva está na consciência que seus atores têm de fazer parte de uma tradição literária, enquanto a objetiva está na

<sup>32</sup>FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Trad. Olívio Montenegro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 263.

articulação material entre autor, obra e público. A comunidade, por sua vez, só possui uma dimensão subjetiva, que é o sentimento de pertença. O letrado brasileiro pode se sentir pertencente à tradição literária ocidental, mas em hipótese alguma poderíamos dizer que os livros brasileiros estão articulados num “sistema literário ocidental”, já que obras brasileiras circulam de maneira muito rarefeita e não tem impacto substantivo na maneira como escritores dos países ocidentais produzem literatura. Podemos dizer algo semelhante da “comunidade Atlântico Sul”: por mais que escritores africanos de língua portuguesa se sintam pertencentes a um caldo cultural semelhante ao do Brasil, suas obras ainda são desconhecidas no Brasil e pouco influenciam a escrita dos autores brasileiros. Isso dito, apesar da semelhança estrutural que ostentam, essas comunidades exibem dinâmicas de poder e modos de imaginar seus lugares no mundo radicalmente diferentes, como pudemos constatar acima.

## À guisa da conclusão

Na sua obra *La communauté désouvrée*, o filósofo francês Jean-Luc Nancy reflete sobre a noção de comunidade a partir da sensação de perda comunitária existente no Ocidente. Nancy descreve um drama típico de sociedades europeias que passaram pelo processo de modernização (secularização, industrialização, urbanização) e que, desse modo, projetam imagens nostálgicas de um tempo anterior à associação dissociadora que é a sociedade moderna, no qual as conexões entre as pessoas pareciam ser mais efetivas e coesas. Para Nancy a ideia de comunidade, evocada pelas imaginações saudosistas numa moldura organicista, não tem correspondência na realidade. A comunidade nunca precedeu à sociedade<sup>33</sup>. Ela é antes uma invenção do mal-estar da modernização. O grande mérito do argumento de Nancy está em desnaturalizar a noção de comunidade, apontando para o artifício envolvido na construção do conceito.

Se na Europa a noção de comunidade precisa ser desmascarada, ou melhor, exorcizada de todos fantasmas organicistas e totalitários que o termo evoca, no Brasil, país que surge de um “aglomerado incoerente e desconexo”<sup>34</sup> a ideia de comunidade já surge, de cara, como um artifício, isto é, como ato de vontade das elites nacionais. No Brasil, o conceito de comunidade seria uma ideologia de segundo grau. A ninguém ocorreria identificar uma comunidade no ajuntamento desconjuntado que caracterizava a sociedade colonial.

Não esqueçamos que a *Formação da literatura brasileira* pretendia narrar a “história dos brasileiros no seu desejo de ter um literatura”<sup>35</sup>. Poderíamos acrescentar, sem cometer injustiça à obra de Candido, que o desejo dos brasileiros era de ter uma literatura integrada à civilização ocidental. O *desejo*, portanto, está no centro da constituição das comunidades – assim como também está na invenção das tradições e na história borgeana dos precursores.

Esse é o ponto de partida para analisar a existência dessas comunidades, pois evita as questões essencialistas: seria o Brasil um país verdadeiramente ocidental? A cultura brasileira de fato faria parte de um arco imaginário que poderia ser chamado de Atlântico Sul (a relação entre Brasil e países da África de língua portuguesa)? Ou essa identificação seria uma mera projeção de escritores africanos? Tais perguntas pretendem testar a verdadeira operacionalidade dessas comunidades, como se um grau ótimo de funcionamento pudesse ser de fato atingido. É importante dizer que, como qualquer comunidade,

<sup>33</sup> Conforme podemos ver no original: “La société ne s’est pas faite sur la ruine d’une communauté. Elle s’est faite dans la disparition ou dans la conservation de ce qui – tribus ou empires – n’avait peut-être pas plus de rapport avec ce nous appelons “communauté” qu’avec ce que nous appelons “société”. Si bien que la communauté, loin d’être ce que la société aurait rompu ou perdu, est ce qui nous arrive – question, attente, événement, impératif – à partir de la société.” (Nancy, Jean-Luc. *La communauté désouvrée*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, p. 34)

<sup>34</sup> Prado, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 354.

<sup>35</sup> Candido, *Formação*, op. cit., p.25.

essas duas que mencionamos são precárias, contingentes, artificiais e provisórias. E por serem frutos da volição dos atores que as imaginam, tais comunidades são assim construídas por uma aposta com claras dimensões políticas.

Desnaturalizar e politizar a noção de comunidade constituem passos fundamentais para avançarmos na discussão sobre o(s) lugar(es) da literatura brasileira no mundo. Por um lado ajuda a tornar visível uma variedade de conexões e ligações das letras brasileiras com tradições culturais localizadas em outros quadrantes do planeta, uma vez que não estaríamos condenados ao “fato quase natural” de pensar a cultura brasileira tão-somente no enquadramento ocidental<sup>36</sup>. Por outro lado, o reconhecimento da precariedade das comunidades imaginadas minimiza as possíveis idealizações e romantizações que possam ser feitas em torno delas, como é o costume quando se teoriza sobre as relações Sul-Sul.

Refletir sobre a literatura brasileira para além da sua “comunidade ocidental” pode ser útil para imbricar duas histórias -geralmente compartimentalizadas - sobre o Brasil. A história que tem a relação Brasil e África como fulcro; e a história que narra o Brasil como uma transplantação cultural da Europa nos trópicos. Os continentes europeu e africano figuram de modo central nas narrativas sobre a formação do Brasil, ainda que ocupem lugares muito distintos nas interpretações do nosso passado.

É impossível pensar na história social e econômica do Brasil sem levar em conta o trabalho escravo trazido da África. O historiador Luiz Felipe Alencastro chega a afirmar que o Brasil se forma “fora do seu território”, mais precisamente em Angola (daí o subtítulo de seu livro *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*). Para Alencastro, “a única utilidade de Angola [para a Coroa portuguesa] consistia em fornecer escravaria para assegurar a prosperidade do Brasil”<sup>37</sup>. O tráfico de escravos foi o sustentáculo de toda a riqueza produzida na América Portuguesa e, após 1822, no Brasil monárquico. Mesmo depois do fim do tráfico negreiro, em 1850, e da Abolição, em 1888, os negros e negromestiços ainda constituíram a maior parte da mão de obra brasileira. Não se pode conceber uma história materialista do Brasil sem colocar a África no seu centro.

Outra visão da história do Brasil e de seus elementos formadores pode ser identificada na história da literatura brasileira (e outras formas de alta cultura). A cultura produzida pelos africanos e seus descendentes é comumente classificada como folclore, cultura popular, ou “cultura em sentido antropológico” e só aparecem na história literária como tema. Para Antonio Candido, por exemplo, seria uma ideia enganosa afirmar que a “literatura foi aqui produto do encontro de três tradições culturais: a do português, a do índio e a do africano”<sup>38</sup>. Candido arremata: “Ora, as influências dos dois últimos grupos só se exerceram (e aí intensamente) no plano folclórico”<sup>39</sup>. A literatura teria vindo da Europa e aqui sofreu pequenas modificações do meio. Africanos e índios certamente ajudaram a transformar a sensibilidade do português, e daí viria sua remota influência na literatura feita no Brasil. A literatura seria uma instituição ocidental deslocada em terras tropicais, como tantas outras instituições atuantes no Brasil. Não é por acaso que estudantes de letras estudam literatura greco-romana no início do curso, assim como os estudantes de direito são obrigados a tomar cursos de direito romano. Parte-se do pressuposto que é necessário conhecer a genealogia das instituições europeias transplantadas no Brasil. Para Candido, as literaturas periféricas (não-ocidentais) jamais criaram quadros originais de expressão, nem técnicas expressivas básicas. O estilo indireto livre, o romance psicológico, o soneto, o verso livre associativo e o fluxo de consciência seriam exemplos de

<sup>36</sup> Tiro a expressão de uma citação de Antonio Candido: “Encaremos serenamente o nosso vínculo placentário com as literaturas européias, pois ele não é uma opção mas um fato quase natural”(CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1989, p. 151).

<sup>37</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 330.

<sup>38</sup> CANDIDO, Antonio. “Literatura de dois gumes”. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 165.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 165.

invenções europeias. As literaturas periféricas conseguiriam resultados originais no plano da realização expressiva, abordando temas novos e sentimentos diferentes. Tais literaturas não-ocidentais, no entanto, não inventavam. Simplesmente afinavam os instrumentos recebidos da Europa<sup>40</sup>.

Essas duas histórias de formação do Brasil compõem uma estrutura dual, tal como a matéria contraposta ao espírito. De um lado temos uma instância material forjada pelo trabalho africano, do outro lado observamos a história do espírito ocidental desterrado em terras americanas. Não raro esse espírito ocidental incorporado na cultura literária e bacharelesca do Brasil pretendeu negar a existência da outra história. Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda compara o letrado brasileiro a Plotino de Alexandria, “que tinha vergonha do próprio corpo”. Nós brasileiros, seguia Buarque, “acabaríamos, assim, por esquecer os fatos prosaicos que fazem a verdadeira trama da existência diária”<sup>41</sup>. O mal de Nabuco foi parcialmente curado com o modernismo brasileiro, mas ainda hoje há quem veja a literatura brasileira como uma extensão da europeia<sup>42</sup>.

O ensino e o estudo das literaturas africanas em língua portuguesa, em molde comparativo, ajudam a desestabilizar a dualidade travejada por essas narrativas históricas. Primeiramente porque coloca em xeque o pressuposto de que a literatura é um instrumento inventado na Europa e de lá irradiado para os quatro cantos do globo com a finalidade de adquirir novas afinações. Como observa Efraín Kristal, “temas e formas podem viajar em diferentes direções – do centro para periferia, da periferia para o centro, de uma periferia para uma outra periferia”<sup>43</sup>. A relação literária entre Brasil e países africanos de língua portuguesa descortina outros mapas e roteiros para a literatura que merecem ser amplamente estudados. Revela-se também bastante frágil e ilusória a noção de que exista um centro estável donde irradiam formas literárias que atravessam os oceanos de maneira substancialmente inalterada. Literatura é comunicação em permanente transformação. Em seu recente *Enlightenment Orientalism*, Srinivas Aravamudan argumenta que não se pode explicar a ascensão do romance na Europa sem levar em conta as narrativas orientais (*oriental tales*) que circulavam pelo Velho Continente no século 18. Aravamudan vai de encontro às versões exclusivamente europeias sobre as origens do romance. Além de problematizar concepções estanques de origem das formas literárias, o estudo de Aravamudan mostra como o centro de poder da literatura costuma narrar-se como centro de originalidade da literatura.<sup>44</sup>

Outro modo de desestabilizar o binarismo das duas histórias do Brasil seria pensar a cultura brasileira dentro dos moldes oferecidos pela comunidade “Atlântico Sul” –com todas as suas precariedades –, mostrando as imensas semelhanças que unem brasileiros e africanos, com seus vários problemas, encruzilhadas ideológicas e potencialidades. Certamente tal abordagem engendraria no público leitor brasileiro empatia por um continente que foi historicamente subalternizado e marginalizado do processo

<sup>40</sup> Segundo Candido, “nos momentos em que influímos de volta nos europeus, no plano das obras realizadas por nós [...], em tais momentos, o que devolvemos não foram invenções, mas um afinamento de instrumentos recebidos”(CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. *Educação pela noite*. Op. cit, 152).

<sup>41</sup> Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 163.

<sup>42</sup> Basta ter acompanhado a polêmica em torno da antologia organizada por Eduardo Duarte de Assis, *Literatura e Afrodescendência no Brasil*. Em artigo na Folha de S. Paulo, Ferreira Gullar argumenta que não poderia haver literatura negra, pois na África não existia literatura, e escritores de pele negra no Brasil seguiam tendências europeias (Gullar, Ferreira. Preconceito cultural. Folha de S. Paulo 04 Dez 2011 < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/12790-preconceito-cultural.shtml> >

<sup>43</sup> No original: “themes and forms can move in several directions – from the centre to the periphery, from the periphery to the centre, from one periphery to another”(Kristal, Efraín. “ „Considering Coldly....: A response to Franco Moretti”. *New Left Review* 15, 2002, p. 65.

<sup>44</sup> O clássico exemplo desse centro de poder que se narra como centro de originalidade está no livro de Ian Watt, *The Rise of the Novel*, que pretende fazer uma história das origens do romance, apenas com romancistas ingleses como Samuel Richardson, Henry Fielding e Daniel Defoe, sem sequer citar *Don Quijote* de Miguel de Cervantes (WATT, Ian. *The Rise of the Novel*. Berkeley: University of California Press, 2000).

histórico e do controle de sua narrativa acerca desta história. Muito pode ser alcançado se enxergarmos nosso lugar no mundo de uma maneira diferente, e criarmos um medida distinta para comparar nossa literatura com as outras.

Recebido em: 29/03/2016.  
Aprovado em: 14/06/2016.